



## O DIABO COXO E O CABRIÃO: REPRESENTAÇÕES DE CIVILIDADE NA LINGUAGEM VERBAL E IMAGÉTICA DA IMPRENSA PAULISTA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4095

Danilo A. C. Rocha, UEM  
Sandra C. A. Pelegrini, UEM

### Resumo

O artigo propõe uma análise do *Diabo Coxo* e do *Cabrião*, ambas as revistas fundadas em São Paulo no Segundo Reinado e responsáveis por registrarem os embates políticos e os dilemas culturais de segmentos sociais urbanos insatisfeitos com as instituições vigentes no Brasil Império na década de 1860. As ilustrações dos periódicos foram produzidas por Angelo Agostini (1842/3-1910), reconhecido caricaturista da segunda metade do século XIX. No auge de sua carreira, no Rio de Janeiro, o piemontês trabalhou em vários periódicos ilustrados, inclusive na *Revista Ilustrada*, sua principal obra. No *Diabo Coxo*, observamos a relação entre o Estado Imperial, a Guerra do Paraguai e o problema identitário nacional; no *Cabrião*, a análise deslocou para o estudo da relação entre o Estado Imperial e a Igreja. O método adotado para a percepção do sentido pretendido nas caricaturas foi estabelecido a partir da análise conjunta da linguagem verbal, distribuída nas legendas e nas cenas retratadas, e da linguagem visual. Na análise específica da imagem, a reconstrução dos contextos “intra-icônico”, “intericônico” e “extra-icônico” forneceram os indícios para a recepção da mensagem pretendida pelo autor. Dessa forma, cada eixo temático foi analisado a partir das dicotomias de atraso/progresso e barbárie/civilização. Nesse sentido, é oportuno o estudo das linguagens e dos meios de contestação verbais e não-verbais utilizados pelos redatores dos referidos periódicos por postularem os anseios dos setores médios letrados emergentes no processo de urbanização e industrialização da cidade.

### Palavras Chave:

Diabo Coxo; Cabrião;  
imprensa ilustrada;  
urbanização.

## Introdução

Em 1859, Angelo Agostini (1842/3-1910)<sup>1</sup> desembarcou no Brasil, lugar onde angariaria reconhecimento em razão das atividades realizadas na imprensa ilustrada. Considerado atualmente como um dos principais caricaturistas do Segundo Reinado, sobretudo, após a fundação da *Revista Ilustrada* (1876-1888) no Rio de Janeiro, Agostini notabilizou-se ao participar do movimento abolicionista na década de 1880 e materializar em caricaturas representações do cotidiano escravagista no Brasil. A crítica à união entre o Estado e a Igreja, aos desmandos de uma elite política e as manifestações culturais precederam a sua campanha abolicionista e formaram a maior parte de seu discurso. Por isso, nesse artigo, nosso objetivo principal foi compreender a linguagem verbovisual do *Diabo Coxo* e do *Cabrião* e suas relações entre a política, a emergência de setores urbanos médios e as representações de “atraso” e “progresso”, concepções construídas nas percepções dos redatores com a finalidade de erigir uma “civilização” econômica e culturalmente mais “avançada”.

O *Diabo Coxo* (1864-1865), criado em 2 de outubro<sup>2</sup>, redigido por Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1886) e ilustrado por Angelo Agostini, recebeu a colaboração de Nicolau Huascar de Vergara (18??-188?) e Sizenando Barreto Nabuco de Araújo (1842-1892), irmão de Joaquim Nabuco. Jornal domingueiro e humorístico, dividido em quatro páginas escritas e quatro páginas ilustradas, de formato 18 por 26 cm, foi o primeiro periódico semanal paulistano a incorporar

imagens em seus números, graças aos avanços da litografia, técnica de impressão aprimorada na segunda metade do século XIX. De repertório variado, suas folhas incorporaram diversos temas desprezados pela imprensa local, centrada apenas nos debates políticos. Assuntos como a arte, os costumes e o cotidiano foram discutidos pelo hebdomadário de forma satírica como uma crítica para aquilo em que os redatores consideravam os “vícios” da sociedade.

Do mesmo modo, em 30 de setembro de 1866, Agostini participou nas ilustrações de uma nova revista, o *Cabrião*, periódico fundado em conjunto com Américo de Campos (1835-1900) e Antônio Manoel dos Reis (1840-1889). O hebdomadário era dividido em oito páginas, organizado de forma idêntica ao *Diabo Coxo*, com quatro páginas de caricaturas e quatro de textos escritos. O *Cabrião* também abordou diversos assuntos como, por exemplo, os principais acontecimentos na Guerra do Paraguai, as notícias do cotidiano da vida urbana, a vida cultural de São Paulo, as novidades políticas, entre outros temas.

O espírito combativo dos redatores e de Agostini em ambos os periódicos prejudicaram a longevidade das publicações. Com o fim do *Cabrião* em 29 de setembro de 1867, Agostini retornou para o Rio de Janeiro, onde consolidaria a sua carreira artística na imprensa.

Nas últimas décadas, as obras de Angelo Agostini receberam destaque nas produções historiográficas, com um número crescente de dissertações e teses sobre o artista. Nesta pesquisa, propusemos analisar o *Diabo Coxo* e o

<sup>1</sup> Não há um consenso na historiografia sobre o ano de nascimento de Agostini. SILVA (2005, p. 10) citou diversos autores e observou suas discordâncias quanto ao ano de 1842 ou 1843 como o de nascimento do caricaturista. In: SILVA, Rosângela de Jesus. *A crítica de arte de Angelo Agostini e a cultura figurativa do final do Segundo Reinado*. 2005. 333 f. dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências

Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.

<sup>2</sup> Os redatores do *Diabo Coxo* não informaram na primeira série as datas de lançamento dos números, porém, CAGNIN (2005, p. 15) afirmou, depois de obstinada pesquisa, esta data como a de fundação do periódico, distinta da datação apontada por SANTOS (2000, p. XXIV) de 17 de setembro de 1864.

*Cabrião*, periódicos fundados na fase paulistana de Agostini com o objetivo de compreender, por meio das análises das caricaturas, os debates políticos emergentes entre 1864 a 1867 e as proposições de seus editores assentadas nos binômios de civilização/progresso e primitivo/atraso. O discurso “civilizatório” e a representação de si como fonte de “progresso” foram recorrentes em seus números e, muitas vezes, essa posição “esclarecida” era reivindicada nos escritos e nas caricaturas para legitimar a crítica à forma como a política e a sociedade estavam organizados no Segundo Reinado. Nessa discussão, a concepção identitária e a referência cultural da Europa “civilizada” do caricaturista e dos redatores nos conduzem a percepção da construção de suas narrativas.

### As representações de atraso/progresso e barbárie/civilização

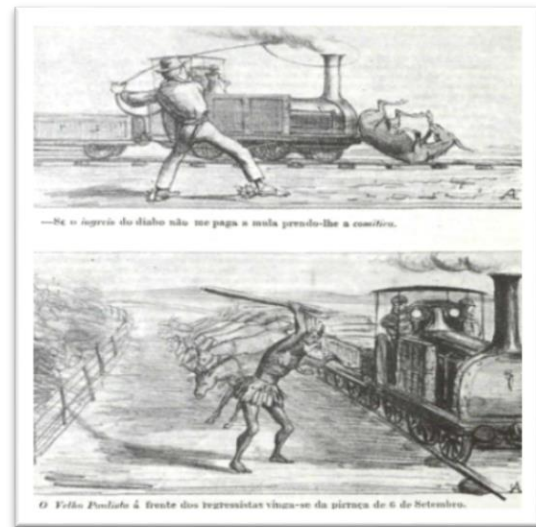
Nos últimos números da segunda série do *Diabo Coxo*, após sucessivas publicações em torno de seu “papel civilizatório”, a revista produziu um discurso pessimista e destacou a dificuldade em modernizar São Paulo pela própria ignorância da população paulistana “regressista”. Uma caricatura composta em dois quadros problematizou a rejeição do trem a vapor como uma das formas da população, retratado pelo “Velho Paulista”, de evitar as suas respectivas mudanças na capital tradicional.

No quadro superior, um homem foi retratado no primeiro plano com uma corda na mão em um movimento de laçar a locomotiva que passava no carril no segundo plano. A caricatura apresentou o atropelamento de um burro, supostamente propriedade do homem, que reagiu indignado na tentativa de prender o trem com a corda caso os responsáveis não pagassem a mula. A origem humilde do homem foi sublinhada

pelas palavras “ingreis” e “comitiva” da legenda, vestido com roupa simples, de chapéu e descalço, usando uma espora em cada pé e com uma faca amarrada na cintura.

O risível foi obtido na caricatura do primeiro quadro pela tentativa absurda de uma pessoa em querer parar uma locomotiva apenas com uma corda e a força física. A imagem sugere a ignorância da população paulistana sobre o novo meio de transporte, visto de forma mágica, ora encantadora, ora assustadora. A resistência em adotar o trem a vapor nos transportes de cargas e pessoas era um reflexo do tradicionalismo e também da insegurança humana perante o desconhecido.

Figura 1: O tradicionalismo dos “regressistas”.



Fonte: *Diabo Coxo*, São Paulo, n. 9, 1865, ano II, p. 05.

Outra interpretação possível, embasada no campo das representações e nas relações intertextuais publicadas durante toda a circulação do *Diabo Coxo*, permite pensarmos o trem como símbolo do “progresso” e da modernização e seu avanço contínuo na “direção evolutiva” de seus trilhos, independente dos “obstáculos” e por cima do atraso e da ignorância simbolizada pelo burro. O sertanejo, típico habitante dessa capital

paulista provinciana, imbuído de seus costumes e contrário as mudanças propostas pelo desenvolvimento urbano e industrial, tentou de toda forma impedir o avanço da locomotiva, muitas vezes por meio de estratégias ineficazes e insuficientes como a laçaria.

No segundo quadro, a ignorância assume uma postura agressiva, de ativa rejeição a locomotiva. Justapostos um atrás do outro, os burros atacam com coices o trem no momento em que ele estava passando no trilho. Na frente, o “Velho Paulistano” liderou o ataque em represália ao acidente de 6 de setembro<sup>3</sup>. O velho, vestido apenas de saia e cocar de pena, de longa barba branca, segura um pedaço de pau, usado para investir contra a locomotiva. A relação entre a linguagem verbal e a linguagem pictórica da charge representam o estado “primitivo” da província, materializados pela figura do “paulistano” em analogia ao estado pré-histórico dos homens da caverna e vestido conforme o estereótipo construído sobre o índio. As tentativas da população e de grupos políticos “regressistas” de impedir os avanços “modernizadores” da sociedade conservava, segundo os redatores, a capital paulista como uma sociedade atrasada, distante das condições e das instituições da “civilizada Europa”<sup>4</sup>.

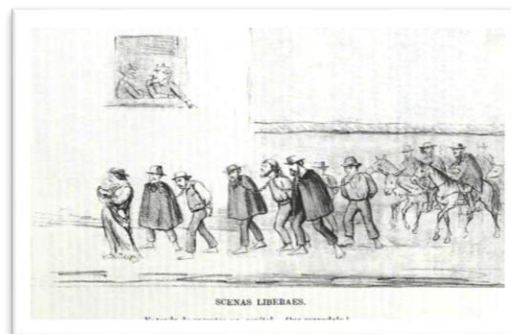
Outra manifestação de atraso em São Paulo foi narrada através da denúncia

<sup>3</sup> O binômio burro/atraso e trem/progresso da caricatura condensou as disputas de valores de diferentes matizes políticas no seio da sociedade da época. As visões estereotipadas traduzem as diferentes percepções de grupos coexistindo em uma mesma temporalidade histórica. A construção de modelos idealizados e cristalizados do Outro, ignora as complexas relações de apropriação, de influências e de mediações das mentalidades concorrentes. A negação dessa interação cultural e a constituição de dois modelos “independentes” foram discutidos e criticados no âmbito da dança, vide VELLOSO, Monica Pimenta. Narrativas da brasilidade: Paris, Rio de Janeiro e o maxixe. *Escritos*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 155-182, 2008.

<sup>4</sup> O texto da seção “Annuncio” ironiza a “superioridade” das instituições brasileiras em

contida na caricatura sobre o recrutamento na Guerra do Paraguai. A necessidade do governo provincial em cumprir a meta de soldados exigidos para compor as linhas de campanha provocou o descumprimento de algumas garantias constitucionais. As vantagens pecuniárias oferecidas para o alistamento dos cidadãos dos corpos extraordinários de Voluntários da Pátria não foram suficientes para mobilizar a população masculina<sup>5</sup>. A ausência de uma identidade nacional unitária enfraqueceu os laços de solidariedade e de cooperação necessários para o sucesso do recrutamento burocrático. A saída para a extração de recrutas foi o recrutamento forçado, principalmente de homens pobres, libertos, sem emprego ou desprovidos de proteção paternalista.

Figura 2: “Cenas Liberais”.



Fonte: *Diabo Caxo*, São Paulo, n. 11, 1865, ano II, p. 5<sup>6</sup>.

comparação com as instituições presentes na Europa. Vide *Diabo Caxo*, São Paulo, n. 9, 1865, ano II, p. 07.

<sup>5</sup> Os Voluntários da Pátria receberiam 300\$000 réis após darem baixa do Exército, teriam direito a 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas, além do soldo de soldado e de outros benefícios na ocupação de cargos públicos ou na promoção nos mesmos. In: Decreto n. 3.371, de 7 de janeiro de 1865. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-3371-7-janeiro-1865-554492-publicacaooriginal-73111-pe.html>. Acessado em: 10 maio de 2016.

<sup>6</sup> Legenda: “SCENAS LIBERAES. Entrada de recrutas na capital. Que escandalo!...”.

Na imagem acima, Agostini retratou a chegada dos “voluntários involuntários” na capital paulista. Os homens acorrentados e algemados, vestidos com trajes simples, sugerem a origem modesta dos recrutas. A brutalidade e as ilegalidades cometidas no recrutamento excederam as atribuições do Estado e submeteram grande parte dos homens pobres livres as mesmas condições do escravo<sup>7</sup>. Para estabelecer essa relação entre recruta e escravo, a partir do contexto extra-icônico e de suas implicações culturais, o caricaturista conscientemente desenhcou os recrutas descalços<sup>8</sup>, com as mãos e os pés algemados, condição submetida a todos os cativos africanos e associada à sua posição servil.

De forma sutil, Agostini incorporou na marcha dos recrutas uma mulher, a frente dos homens acorrentados, com uma criança no colo. O longo vestido, o cabelo comprido e a forma afável que acaricia o bebê caracterizam a mulher como uma mãe, provavelmente a esposa de um dos recrutas capturados. O detalhe produzido no quadro denunciou dois problemas sofridos pela população pobre no período da Guerra do Paraguai: o recrutamento forçado de homens casados dispensados legalmente do serviço militar e a presença nas marchas de esposas incapazes de sobreviver sem o auxílio do marido<sup>9</sup>.

Atrás dos recrutas, vários

homens montados a cavalo, provavelmente capangas em busca de substitutos ou oficiais responsáveis pelo recrutamento, garantem o encaminhamento de novos soldados para o Exército. As “cenas liberais”, ironicamente sublinhadas na contradição entre a linguagem verbal e a visual, destacou a hipocrisia dos órgãos oficiais em adotar medidas e ações liberais ao retratar os homens livres caçados como escravos fugitivos ou indígenas no mato perseguidos por seus algozes. No segundo plano, o diabo personificou na legenda a opinião dos redatores sobre o episódio, taxando-a como um escândalo. Do alto de uma janela, em companhia do sr. Thomaz, ele aponta e dá visibilidade aos problemas e aos vícios.

Diferentemente do *Diabo Coxo*, a intensidade da crítica do *Cabrião* estava contida na sua capacidade de responsabilizar individualmente as ações e os problemas. O Partido Conservador, defensor de medidas apontadas como retrógradas e regressistas, programa pautado na união entre o Estado e a Igreja, o poder Moderador e a centralização política, tornou-se o principal alvo da revista. O maior representante conservador, João Mendes de Almeida, católico fervoroso<sup>10</sup>, redator do *Diário de São Paulo* e correspondente da *Revista Commercial*<sup>11</sup>, rivais do semanário ilustrado, foi figura recorrente nas caricaturas de Agostini. O humor satírico das

<sup>7</sup> DORATIOTO (2006, p. 132) demonstrou como esse tipo de recrutamento forçado e arbitrário não foi uma exceção do Brasil ao exemplificar o envio de recrutas da cidade de Córdoba amarrados um aos outros para evitar uma possível fuga em meados de 1865.

<sup>8</sup> ALENCASTRO, Luiz. F. de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 79.

<sup>9</sup> A presença de mulheres brasileiras nas marchas e nos acampamentos foi comum durante a guerra. No Paraguai, apesar das mulheres oficialmente não participarem diretamente das batalhas, foi

primordial a sua cooperação no esforço de guerra para a limpeza dos acampamentos, o fornecimento de alimentos, o tratamento de feridos e doentes, a distribuição de bens e escavação de novas trincheiras (CAPDEVILA, 2010, p. 58-59).

<sup>10</sup> BUZAID, Alfredo. João Mendes de Almeida Jr. – aspectos de uma grande vida. In: *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 51, 1956, p. 75.

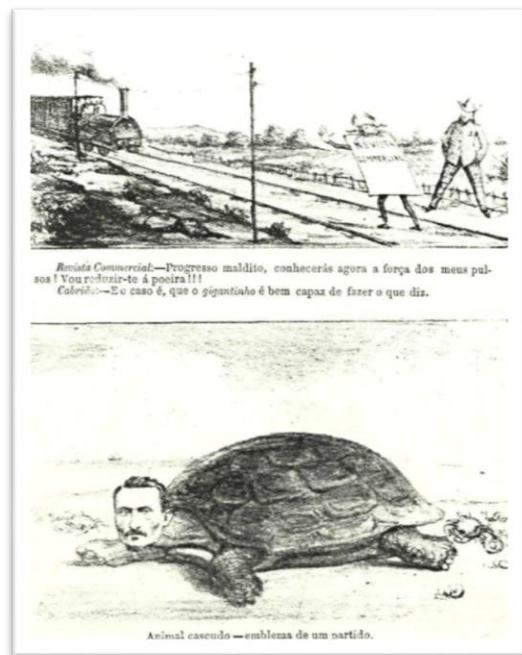
<sup>11</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 3112, 1866, ano XIII, p. 02. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972\\_1866\\_03112.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1866_03112.pdf). Acessado em: 19 de fevereiro de 2017.



publicações noticiava o líder saquarema em cenas comprometedoras, exposição ridícula de forte repercussão na provinciana capital, como ocorreu na caricatura abaixo.

Figura 3: João Mendes de Almeida.



Fonte: *Cabrião*, São Paulo, n. 2, 1866, p. 08<sup>12</sup>.

No primeiro quadro, pelo contexto extra-icônico, assim como no *Diabo Coxo*, a representação da locomotiva e da linha férrea simbolizaram a modernização, a civilização e o progresso, transporte condicionado aos avanços técnicos e materiais de uma sociedade, ideais defendidos incessantemente como fundamentais para o desenvolvimento nacional. Na caricatura, a *Revista Commercial*, periódico santista conservador, foi posicionado no meio do trilho e a frente do trem com a intenção de parar o seu avanço por meio da força física de seus braços. O periódico, representado parcialmente na forma humana, com um

caranguejo no lugar da cabeça e uma folha com o título do jornal no lugar do tronco, ameaçava reduzir a pó, conforme a legenda, o “progresso maldito”. O crustáceo, como assinalamos anteriormente, representou os conservadores no *Cabrião* e a tentativa de interromper o “progresso” também reafirmava a conduta retrógrada dos “regressistas” diante das transformações de qualquer aspecto daquela sociedade tradicional. O modo antiquado de impedir o trajeto do vapor retomou a ideia de ignorância e inevitabilidade apresentada na caricatura do “sertanejo” e do “velho paulista” do *Diabo Coxo*<sup>13</sup>, cada tentativa de obstrução realizadas de modo “primitivo”, somente a partir do esforço muscular de seus corpos, método irracional e incapaz de cessar a marcha do trem/“civilização”.

O personagem Cabrião, do lado da estrada de ferro, observa a situação e, apesar da impossibilidade lógica de ser bem-sucedida no seu intento, alertou para o risco de o periódico conservador conseguir cumprir a sua promessa. O termo “gigantinho”, sublinhado em itálico, ao invés de enfatizar a grandeza do periódico, ironizou o comentário da *Revista Commercial* sobre o surgimento e a circulação do *Cabrião*, na qual o definiu como um “jornalzinho”<sup>14</sup>. A probabilidade existente decorria do poder local de seus organizadores e interlocutores de mobilizar a opinião pública e as autoridades do Estado para dificultar a aprovação de medidas consideradas “modernas”, “progressistas” e “civilizadas” como, por exemplo, a própria extensão do transporte ferroviário no interior da província<sup>15</sup>.

No quadro seguinte, João Mendes de Almeida foi retratado como uma tartaruga, representação dos conservadores, rodeado por caranguejos,

<sup>12</sup> Legenda (parte superior): “*Revista Commercial*: - Progresso maldito, conhecerás agora as forças dos meus pulsos! Vou reduzir-te á poeira!!!”; Legenda (parte inferior): “— E o caso é, que o *gigantinho* é bem capaz de fazer o que diz”.

<sup>13</sup> *Diabo Coxo*, São Paulo, n. 9, 1865, ano II, p. 05.

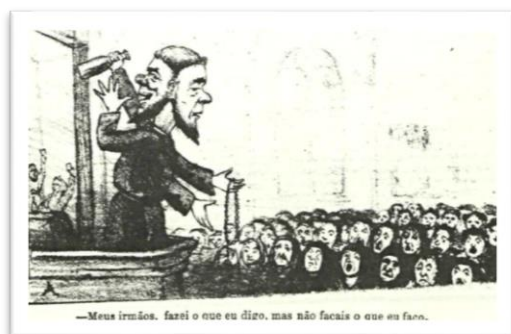
<sup>14</sup> *Cabrião*, São Paulo, n. 4, 1866, p. 02.

<sup>15</sup> *Cabrião*, São Paulo, n. 13, 1866, p. 03; *Cabrião*, São Paulo, n. 38, 1867, p. 05.

animal também representativo de seus partidários. A tartaruga, de carapaça rígida e inflexível, conhecida pela lentidão e imobilismo na terra, caracterizava a resistência e a inércia atribuídas aos conservadores em um tom de zombaria e sátira<sup>16</sup>. O jogo de palavras irônico na legenda, de duplo sentido, apresentou ao público o “animal cascudo”, frase referente a pessoa reproduzida e a tartaruga, ambos emblemas do partido, o primeiro chefe da agremiação e o outro símbolo conservador.

Outra temática criticada pelo *Cabrião* e retratadas nas caricaturas de Agostini como fonte do atraso paulistano foi o clero. Apesar de representantes oficiais do cristianismo católico, os jesuítas foram entendidos como o “maior desacreditador da religião de Cristo”, “inimigos do povo”, “carrasco da população miúda” e “sanguessugas dos pobres de espírito e dos tolos”. Uma caricatura satirizou essa relação entre a fé e a exploração de pessoas “imbecis” e humildes pelos frades, com a doação de seus poucos recursos sob o pretexto do sacrifício na terra ser recompensado no céu<sup>17</sup>. Tidos como a “encarnação da hipocrisia”, os jesuítas disfarçavam os seus desejos de riqueza e poder através da “capa do desinteresse e da mansidão”, como representado na caricatura abaixo.

Figura 4: “fazei o que eu digo, mas não façais o que eu faço”.



Fonte: *Cabrião*, São Paulo, n. 8, 1866, p. 61.

De forma a deslegitimar o apelo moralista de religiosos sobre a população, as caricaturas do semanário denunciavam a ganância e a hipocrisia dos jesuítas nas suas condutas cotidianas. Nessa imagem, Agostini habilmente transmitiu essa dualidade nas ações dos “barbudos” de samarra ao construir uma cena polifônica, dividida entre o espaço público, de aparições e condutas calculadas por estarem em constante avaliação da multidão de fiéis, e o espaço privado, área oculta, restrita e discreta.

O membro da Companhia de Jesus, caracterizado pela roupa preta e o rosário na mão, pregava do alto de uma sacada para um numeroso público, todos em uma postura obediente escutando a exposição, composto por homens e mulheres, diferenciação explícita pelo uso de véu e pelo corte de cabelo. No seu verso, uma imagem refletida de si levanta uma garrafa na direção de sua boca, gesto que sugere a ingestão de seu conteúdo, provavelmente alcoólico para denotar uma falha no caráter e fundamentar a denúncia do “vício”. O consumo da bebida torna-se evidente ao observarmos no plano de fundo, do lado oposto da multidão, duas pessoas erguendo os copos e uma garrafa em cima da mesa. A fisionomia expansiva e alegre do jesuíta com a garrafa na mão em oposição a figura calma e solene demonstra a dissimulação desses agentes religiosos como ressaltado pela legenda “fazei o que eu digo, mas não façais o que eu faço”.

## Conclusão

O aspecto político problematizado nos semanários evidenciou os anseios de uma elite intelectual e urbana, sujeita a violência e as arbitrariedades das autoridades locais, sem nenhum respeito aos direitos previstos na Constituição a população livre,

<sup>16</sup> PROPP, Vladimir. O homem com aparência de animal. In: *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992, p. 66-72.

<sup>17</sup> *Cabrião*, São Paulo, n. 25, 1867, p. 05.

principalmente se essa fosse pobre e estivesse a margem da rede de clientelismo. Angelo Agostini, de forte identificação com as ideias liberais francesas, defendeu medidas para transformação do estado “primitivo” do Brasil Império, distinguindo a religião dos assuntos políticos, da modernização econômica e administrativa, da livre circulação da “alta cultura” para educar a sociedade brasileira.

No *Diabo Coxo* detectamos críticas abrangentes a sociedade tradicional, aos seus representantes políticos e a ignorância da população. Em *Cabrião*, a questão religiosa se sobressai e há condenação explícita as ingerências do clero no Estado, em especial dos jesuítas. Referências ao presidente de São Paulo, ao delegado de polícia, ao bispado e aos jesuítas, ao comandante das tropas aliadas, entre outras personalidades, não é escamoteado, é direto.

## Referências

- AGOSTINI, Ângelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antônio Manoel dos. *Cabrião: 1866-1867*. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- ALENCASTRO, Luiz. F. de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.
- BUZAID, Alfredo. João Mendes de Almeida Jr. – aspectos de uma grande vida. In: *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 51, p. 73-97, 1956.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*. 2. Ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2006.
- GAMA, Luiz; AGOSTINI, Angelo. *Diabo Coxo*. São Paulo: EDUSP, 2005. 214 p. Edição fac-similar.
- PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- SANTOS, Délio Freire dos. Primórdios da imprensa caricata paulistana: o Cabrião. In: AGOSTINI, Ângelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antônio Manoel dos. *Cabrião: 1866-1867*. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. XI-XLV.
- SILVA, Rosangela de Jesus. *A crítica de arte de Angelo Agostini e a cultura figurativa do final do Segundo Reinado*. 2005. 333 f. dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.
- VELLOSO, Monica Pimenta. Narrativas da brasilidade: Paris, Rio de Janeiro e o maxixe. *Escritos*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 155-182, 2008